

# O HERALDO

Director, proprietario e administrador

**JOSÉ MARIA DOS SANTOS ANTIGO**  
RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

Redacção, administração, composição e impressão

**TYPOGRAPHIA BUROCRATICA**

RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

## LIBERDADE! LIBERDADE!

Rompêu, sereno e limpido, o dia 1 de dezembro. Não tinha nuvens a aurora da liberdade portuguesa. Quem poderá adivinhar os pensamentos que saltejavam o espirito dos conjurados ao erguerem-se, n'essa fria madrugada de inverno, para emprenderem tão incerto feito? Sabemos comtudo que, se a duvida pungia o animo d'alguns, se muitos se preparavam com sombria resignação para se irem immular, victimas heroicas, no altar da liberdade da patria, outros havia que a grandeza da acção enthusiasma de novo, e que cingiam a espada, cheios de temeraria confiança. Impeto febril, fria dosolacção ou verdadeiro ardor é certo que nenhum trepidou. Mais alto de que todos os outros sentimentos falava no coração o amor da patria opprimida, e o desejo de se resgatarem. Se a essa ideia do dever cedera o proprio amor maternal! Na madrugada de 1 de dezembro D. Filippa de Vilhena, escondendo debaixo d'um sorriso as lagrimas que lhe queimavam os olhos, cingiu ella mesma a espada aos seus dois filhos D. Jeronymo d'Athayde e D. Francisco Coutinho, ordenou-lhes que pensassem não na sorte d'ella, mas na sorte de Portugal, que o morrer pela patria, quando esta gemia oppressa, era ainda mais bello do que viver para sua mãe! D. Marianna de Lencastre, com a mesma resolução varonil, abençoava os seus dois filhos Antonio Telles e Fernão Telles da Silva, e estas mães espartanas, mais nobres de que as espartanas, porque lhes não dictava estes preceitos e rigidez da indole afeiçoada por uma educação estoica, mas o sentimento d'um dever mais elevado do que o proprio affecto maternal, legaram á posteridade um heroico exemplo, e incorreram mais de que os discursos de João Pinto Ribeiro, para inspirarem aos conjurados uma resolução inalteravel.

De todos os pontos da cidade, uns a pé, outros a cavallo, outros em coches, caminhavam para o Terreiro do Paço os fidalgos e os seus adherentes, não com a ansiedade natural n'essas horas febris, mas com uma tranquillidade que não deixava adivinhar o que ia em breve succeder.—Aonde vae? perguntou um amigo a João Pinto Ribeiro.—Não se altere, tornou risonho o doutor. Chegamos all abaixo á sala real, e é um instante emquanto tiramos um rei, e pômos outro.

Pouco antes das nove horas estavam reunidos no Terreiro do Paço todos os conjurados. A apparencia pacifica dos coches, que iam chegando ao Terreiro, não assustava os soldados da guarda, costumados, n'esses tempos mais madrugadores do que os nossos, a verem apparecer junto do palacio os cortezaos da duqueza. O povo tambem ainda se não accumulára em grande quantidade. Com a mão no feicho das portinholas esperavam os fidalgos impacientes o bater da hora solemne. Dão nove horas. Abrem-se a um tempo os coches, e os fidalgos descem, e emquanto Jorge de Mello, Estevão da Cunha, Antonio de Mello e Castro, o padre Nicolau da Maia e outros esperam, ainda dentro das carruagens, que venha o signal do palacio para assaltarem a guar-

da castelhanha, o grosso dos conjurados sobem rapidamente as escadas, entram na sala dos archivos tudescos, e, sem lhes darem tempo nem sequer a suspeitarem o que ia succeder, Affonso de Menezes, Gaspar de Brito Freire e Marco Antonio d'Azevedo, deitam ao chão os cabides das alabardas, outros, desembainhando as espadas, afugentam os archeiros altonitos e desarmados. Alguns d'estes, ou por não terem as alabardas nos cabides, ou por serem mais resolutos, cumpriram o seu dever com certa bravura, já defendendo a entrada do corredor que ia ter ao forte onde ficavam os quartos de Miguel de Vasconcellos, já cobrindo a porta dos aposentos da duqueza de Mantua. Os primeiros levam n'os adeantes de si Pedro de Mendonça e Thomé de Souza, os outros resistem com desespero a Luiz Godinho Benavente e mais tres ou quatro fidalgos, e só fogem depois de terem visto cahir dois d'os seus, um morto, outro ferido. Entretanto D. Miguel de Almeida, cheio de alegria, corre a uma varanda, abre-a, e brandindo um estoque, exclama: «Liberdade! Liberdade! Viva el-rei D. João IV! O duque de Bragança é o nosso legitimo rei!» E as lagrimas, embargando-lhe a voz, inundavam-lhe as barbas alvejantes, que fluctuavam ao sopro da brisa do Tejo, que douravam os raios do sol a campeiar no ceu. Respondeu-lhe debaixo um immenso grito d'enthusiasmo e jubilo. «Liberdade! Liberdade!» bradou o povo n'um grito unisono. E' que todos julgavam divisar n'esse heroico D. Miguel d'Almeida, n'esse velho de oitenta annos, radiante d'ardor juvenil, o symbolo de Portugal de crepito e alquebrado, mas illuminado n'essa hora de resurreição por um lampejo, por um reflexo do esplendor das suas eras gloriosas.

Manoel Pinheiro Chagas.

**O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.**

### Kinematographo Pathé

Este interessante Kinematographo, ha semanas installado na Alagôa, tem sido ultimamente a *great attraction* da nossa terra e todas as noites, ao badalar das 7 horas, lá vae a caminho d'aquella praça uma grande parte da nossa população, sequiosa de saborear pela extraordinaria dimensão de Thomaz Edison a hilariedade dos aspectos comicos, de sentir a commoção dos quadros tragicos ou ainda de gozar os mais pittorescos, deslumbrantes e assombrosos aspectos da natureza.

Este kinematographo é, indiscutivelmente, dos mais aperfeiçoados que correm a provincia portugueza e hombraia mesmo, em selecção, com os melhores que se expõem em Lisboa e Porto. Tem a garantil-o, sobretudo, o nome de Theophylo Pathé que é um dos nomes mais em voga no mundo cynematographico.

Alliando-se á excellencia do aparelho a habitual escassez de divertoes publicas, as sessões do *Salão* tem sido concorridissimas e continuarão sendo, visto que todos os dias os programmas nos apontam estreias que se recommendam e não é segredo do publico que os melhores quadros... são os que estão por vir.

### Divergencia, até na tolerancia

Tenho ainda que responder á segunda parte do artigo do meu ultimo antagonista em materia religiosa. Faço-o custosamente, como um dever que tenho a cumprir, porque ao traçar estas linhas não estou nos dias de melhor disposição. A vida ás vezes é aborrecida, e o atheismo não nos garante das dôres de cabeça.

Escrevo com uma criança ao collo, loira como os vossos anjos christãos, numa posição incommoda e, fatigante, e tenho de molhar uma pessima pena num tinteiro que tenho de desviar da sua posição de equilibrio para que o aparato tome a tinta. Como vê, meu caro polemista, é caso para escrever e responder vos de pouca vontade. Quanto melhor não seria ir gozar esse sol fecundante que para ali faz já fora no torcicolo das estradas, ou ali, na mata, sob o emaranhamento dos vegetaes, sonhando em amor e em venturas! Porque os atheus tambem sonham. Mas o dever é responder-vos. E vou fazê-lo.

Diz V. Ex.<sup>a</sup> que eu asseverei que se é crente por conveniencia e interesse. Eu peço desculpa para lhe dizer que isso é uma falsificação, ainda que inconsciente, do que escrevi. E' um processo jesuitico, esse, de ataque, mas não tenho o direito de julgar o meu adversario tão pouco leal na polemica. Efectivamente, longe de mim a ideia da conveniencia material a que se refere; longe de mim offender com suspeitas tão imbecis muita consciencia honesta, vivendo na simples e ingenua crença do deismo christão. A verdade é que ninguém, fóra da classe sacerdotal, tem interesse material em se dizer crente, e portanto tal affirmacção nunca poderia fazer-la, a não querer ser injusto e imbecil. O que disse e direi é que se é crente porque convem ao espirito a tranquillidade, o repouso, a satisfacção que dá a crença; que se crê somente o que se gosta de crê, e não se crê muito simplesmente naquilo que produz desgosto. Foi este subjectivismo da crença que eu affirmei. *Imaginou!* o meu adversario que eu pensava que os crentes eram crentes por causa das operações de bolsa ou das especulações sobre o feijão frade.

E' mister não confundir. Só assim poderá haver lealdade na discussão, fóra das falsificações, que são sempre prejudiciaes.

Sobre os martyres christãos, eu vejo nesse espectáculo deveras impressionante a influencia das falsas ideias sobre as determinações dos individuos. O sacrificio, a dedicação, o martirio são sempre bellos. Nada mais delicioso do que, uma Heloisa para cada Abeillard. Comovemos-nos os heroes das Catumbas, ante a tirania dos imperadores romanos, proclamando a nova moral, como nos commovemos os heroes dos Laboratorios e das Bibliothecas perante a tirania dos principes da Igreja, proclamando a nova verdade. S. Paulo vale bem Górdano Bruno.

E' mister, repito, não confundir as coisas. Ha sinceridade em todas as religiões, e a crença é uma coisa tão respeitavel como a descrença; a fé é uma coisa tão digna como o atheismo.

A respeito da divindade de Christo (óra bolas!), a que se volta, acho a uma coisa tão incrível e insustentavel que, para mim, é um dos casos mais mirabolantes

da fé chistã essa crença atrazada na divindade de Christo, que vae de encontro a todas as convicções scientificas e a toda a humildade. Efectivamente, pensar a gente que ha num minusculo grão de materia cosmica, a Terra, uns animaes quasi tão insignificantes como o microbio que vive preso ao grão de trigo; que esses animaes, que pensam, falam, e portanto discutem e se batem, imaginam que o Sêr Universal os considera tanto que enviou seu proprio Filho para os libertar como Redemptor; effectivamente estes pequenos povoadores d'este minusculo astro são umas pessoas muito enfatuadas. E os habitantes de Marte, de Saturno, dos outros planetas, dos outros soes, dos outros mundos? A crença na divindade de Christo é, como todo o deismo, o anthropocentrismo em acção, e essa fé primitiva e grosseira não é mais do que a divinização do Homem, d'esse animal tão humilde que tem instinctos e habitos invenciveis, sujeito a todas as contingencias naturaes, caminhando de *etape* em *etape* na escala da perfectibilidade, preso na Terra como um atomo microscopico que está preso eternamente ao grão de areia de que faz parte!

Mas Christo affirmou categoricamente que era Deus, diz-me S., e eu acredito que elle tal dissesse. O que eu não acredito é que elle o fosse. Talvez se suposesse sinceramente Deus, como o imaginou Mahomet, e tantos outros chefes da religião. Talvez lisonjeasse a crença popular, e por coherencia e altaneiro character o afflitasse ainda perante Cufaz, diante dos seus juizes, do povo que estava levantado contra elle. Tinha graça um Christo a desdizer se naquella occasião para lisonjeiar o povo, dizendo não ser Deus, como antes lisonjeára a sua seperstição, dizendo que o era!

Mas o mais fulminante argumento para provar a divindade de Christo é uma questão de numeros, como affirma o meu antagonista ao dizer que a religião catholica conta no seu seio mais de 300.000.000 de filhos.

Já que fala em numeros, vamos a elles. Sempre gostei de substituir os raciocinos pelos factos, e é pois gostosamente que vou lançar mão da arithmetica. Meu caro: é a primeira vez que lanço mão da arithmetica para esmagar um christão. 300 milhões de catholicos! onde é que leu V. Ex.<sup>a</sup> isso? Pois pode V. Ex.<sup>a</sup> confundir *christianismo* com *catholocismo*, uma religião com uma seita?

Mas mais. Vejamos. A religião chistã tem 500 milhões de crentes. E' modo de pensar e de sentir da mesma maneira 500 milhões de adeptos, aproximadamente! Não será este tambem o mais fulminante argumento para provar a divindade de Budha?

Força é confessar—não acha?—que em fulminantes ambas as religiões abundam?

E não insisto mais neste ponto, porque me parece que o sr. Cunha já me fez o obsequio de atacar esse argumento luminoso, claro e simples do meu adversario. Tenho a agradecer ao sr. Jayme Cunha. Parece que adivinhava o meu illustre confrade que estaria a estas horas com um grande aborrecimento, e uma criança loira a afagar-me o rosto!

E' deveras extraordinaria a affirmacção d'esse senhor: «Se eu não posso negar a existencia da religião chistã, tambem nao posso negar

a divindade de Christo!» Então, pela mesma razão, não pode negar a divindade de Budha, e a de Brahma, e a de Mahomet, a divindade da Lua, e a divindade do Sol, e a divindade d'aquelle burro que d'aqui vejo, e que, enquanto esta escoltando a Europa, talvez esteja sendo adorado da Africa ou na Australia, pelas tribus animistas do interior!

Termina o meu antagonista, dizendo que, em vista das suas considerações, eu me poria de acôrdo com elle e abraçaria a sua fé! Mas o meu querido antagonista, ainda que muito nos pèse, enganou-se, porque não vou abraçar a sua fé... Em vez de abraçar a sua crença, depois d'um artigo tão substancial como o seu, vou abraçar a Conceição, que ali está, toda gaiata, a vêr escrever-me. E assim se confirma, não o vosso proverbio *Similes cum similibus facile congregantur*, mas esse outro proverbio que adopto: *Contraria cum contrariis facile congregantur*.

Raul Proença.

### CARTA DE PARIS

Sempre tive grande admiração por aquelles que, arriscando a vida, correm á conquista do desconhecido; não do desconhecido inutil, mas d'aquelle que a sciencia presente e julga adivinhar, e cujo achado mais ou menos fortuito pode ou deve constituir para a humanidade uma nova epocha de bem-estar e aperfeicoamento.

Na historia da evolução humana não admiro, antes detesto os altos feitos, dos conquistadores, porque todos, sem excepção, foram inspirados pelo orgulho ou pela cubica dos homens. Venero, porem, a memoria dos mais humildes exploradores. Desde Christovão Colombo, o immortal descobridor do Novo Mundo, cujos restos são conservados com tanto amor na cathedral de São Domingos, até ao joven duque dos Abruzzos, primo do rei da Italia, que foi explorar o que falta descobrir do Polo Norte, todos esses grandes e pequenos exploradores do desconhecido terrestre tem toda a minha sympathia e respeito.

Direi mais ainda: sem fallar nos que procuram nos cadinhos do laboratorio, a nova força vital e defensiva, destinada a destruir os germens da doença; os homens que maior admiração me merecem, aquelles cujos actos de sublime abnegação mais me encantam e seduzem, são os que abandonam o lar para dotarem a humanidade de novas terras e novos mundos.

A este respeito, um homem ha actualmente pelo qual tenho particular predilecção. Nobreza obriga, diz a doutrina do dever social. Ha, porem, outra coisa que tambem obriga: o nome. Quando um homem se chama Charcot, o prestigio d'es. se nome exige d'aquelle, que usa, grande abnegação ou saber para supportar o peso de tão colossal herança. E eis que por um acaso extraordinario esse homem, de que falla hoje toda a imprensa com grande elogio, é o herdeiro do celebre doutor Charcot, que em vida dirigiu o grandioso hospital psiquiatrico da Salpetriere.

Quem conhece o Dr. João Charcot (pois tambem é medico como o pai) sabe que explorador elle é, cheio de enthusiasmo e vehemencia. Quando voltou, ha dois annos apenas, da sua perigosa exploração dos mares antarcticos, viagem da qual muitos julgaram que elle não

voltaria, era vê-lo e ouvi-lo no vasto amphitheatro da Sorbonne explicar com sobria mas ardente eloquencia, diante d'um auditorio escolhido, a sua arriscada e quasi temeraria empresa. Com que tom persuasivo elle fallava! Elle cre firmemente que existe um continente solido, com vegetação e talvez habitado, nos confins do mysterioso polo circundado pelos mares boreaes da região antarctica. E como voltou d'aquella viagem, que elle chama simplesmente exploradora, sem poder pôr o pé n'aquellas terras hypotheticas, era de prever que não descansaria enquanto não renovasse a phantastica empresa.

Homem de sentimentos elevados e d'uma vontade de ferro, apenas chegara da primeira viagem, quando principiou os preparativos para segunda expedição, que promete ser muito mais importante do que a outra e portanto mais dispendiosa. O navio que ha de leva-lo com os companheiros á região desconhecida está quasi prompto e, em breve, largará das costas da França para ir abysmar se—quem sabe?—n'aquelles mares sombrios e profundos, povoados de especies marinhas desconhecidas, cujas margens prehistoricas guardam talvez o segredo do homem primitivo. O nome do mysterioso navio, que leva esses novos argonautas á terra da promessa ou do desengano, revela a convicção d'aquelle que o vae dirigir: *Pourquoi pas?* isto é *Porque não?* Só o nome significa a audacia do explorador, que n'aquelle barco leva todas as suas crenças e esperanças.

Entretanto, similhante ás heroínas da antiguidade, fica em Paris a esposa querida, com a esperança de ver voltar o explorador, coberto de gloria; mas, quem sabe? talvez que o não torne a ver!!

Paris, novembro de 1907.  
A. Vinardell Roig.

Aos lavradores

As prolongadas seccas nos ultimos annos, as anormaes alterações da temperatura dos ultimos tempos e em todas as epochas e a natural falta de pastagens e alimentos verdes para todo o gado em bastantes mezes do anno—são inconvenientes tão apouquentadores dos creadores, que apontar-lhes um remedio é prestar-lhes um bom serviço.

Ora já não ha duvida de que a ensilagem supre vantajosamente aquellas faltas—de que não fica mais cara do que os alimentos secos—de que se conserva de modo e por forma que está sempre prompta para a alimentação e, finalmente—de que está ao alcance de todos—senão em grande escala, em modesta experiencia pelo menos.

Os silos tanto podem ser pequenas barricas, como altas torres e de todos os materiaes de construcção: de tijolo, de alvenaria, de madeira, de aduella, de cimento armado, de madeira e papel, emfim, até se podem aproveitar pipas ou tuneis velhos, pias de pedra, tanques e pombaes velhos.

Para os encher e armazenar assim o necessario para uma boa parte da alimentação do seu gado, o lavrador aproveita o que nas epochas de fatura lhe não serve para nada—até cardos bravos.

Como se faz e de que se pode aproveitar a silagem—aprende-se na leitura de duas horas d'um livro que com o titulo *Ensilagem* se publicou ha pouco, traduzido de uma publicação americana. Não ha necessidade de engenheiro, mestre d'obras ou outro director—é lêr e mandar executar.

Parece bem certo que enire nós acontecerá com o silo e que aconteceu na America: foi adoptado sem a menor contestação.

Acaba de apparecer

JOÃO FRANCO

por JOÃO CHAGAS

Um vol. 600 réis brochado,  
800 réis encadernado.  
Á venda em todas as livrarias

CARTA DE FARO

AINDA O DESDEM PELA MOCIDADE—UMA CARTA D'UMA SENHORA NOVA, LINDA E SOLTEIRA—A PRIMOROSA CANTINA. O QUINZENARIO ACADEMICO.

De Loulé nos envia D. Margarida \*\*\* uma carta motivada ainda pelo pequenino incidente amoroso ha semanas aqui por nós relatado. Sobremaneira interessante, não resistimos á tentação de a pôr ante os olhos velludosos das leitoras do *Heraldo*, embora vá enraivecer e causar pasmo a muitos dos nossos leitores. Nova, linda e solteira, D. Margarida diz albergar em seu coração um odio lethal á Mocidade, o que é muito para lastimar. Ora queiram ouvi-la:

... Sr.

Apesar de nova (não sou feia e tenho quem me pretenda) tambem quero vir declarar a v... que, para a vida conjugal, preferirei, sem receber mais tarde arrependimento, um cavalheiro já *maduro*, livre das febres da inconstancia, puro na sua affeição sem os arrebatamentos dos creançolas nem as covardias dos mesmos.

Tem toda a rasão de ser, creia v... a minha preferencia. Raro é o creançola (em Faro são tantos, tão petulantes), que cumpre o que promete ás suas namoradas hoje, futuras esposas d'amanhã; rarissimo é o velho que falta á sua palavra. Devo dizer-lhe que tenho accetado a cõrte d'alguns creançolas e um d'elles que mais sincero me parecia, a principio, foi de todos, por fim, o mais falso, o menos pundonoroso. Alem da propria experiencia, actua em mim o experimentado por muitas amigas minhas e de que tenho pleno conhecimento. Eu conto a v... o que com uma d'ellas se deu, contribuindo assaz para eu assistir no meu proposito de apaixonar-me pelos velhos e ter um odio de morte aos creançolas.

A minha amiga Fernanda, que v... conhece, porque já o vi dançar com ella em..., é como sabe. O que se chama uma perfeita mulher. Formosa como poucas e dedicada e amavel como nenhuma outra. A em destes dotes possui o de ser rica, que é a formosura suprema para os homens. Pois bem; a minha querida Fernanda que, sobre tudo por ser rica, era muito requestada, onde quer que apparecesse, sentiu um dia seu peito arder de paixão por certo rapaz que, ao cabo d'annos, depois de mil juramentos, por um pequenino nada, mentirola astuciosamente urdida por elle proprio para o mesmo fim, esqueceu todo o passado (que para Fernanda foi de contrariedades e martyrio porque seus paes não gostavam de tal inclinação) e pôz ponto nas relações, quer dizer, pagou com o desprezo aquella que nunca o desprezara, como devia ter feito.

Tempos passaram, a nossa Fernanda comprehendeu que não valia a pena amofinar-se, voltou-lhe a alegria, o riso, o contentamento.

Numa praia, por um acaso, os seus olhares cruzaram-se com os d'um cavalheiro já maduro, permitame v... que me continue servindo do termo. Depois dos olhares, vieram os sorrisos e depois... em breves mezes eu apouquentava a minha modista para me apromptar o vestido que eu havia de levar á festa nupcial de Fernanda.

Ainda hontem ella me escreveu. E' feliz, diz-me. Seu marido quer-lhe muito, tem por ella verdadeira adoração, em nada a contraria. Sem duvida, o mesmo me não escreveria ella se tivesse casado com o tal creançola que aos seus sacrificios correspondeu com o desprezo de gaiato, que era.

Já vê v... que bem faço eu; e como eu muitas amigas minhas, em preferir o amor dos velhos. E' mais puro, mais sincero, mais atrahente.

Eis porque sou apaixonada pelos velhos e tenho um odio de morte aos creançolas.

Pode, querendo, dar publicidade

no *Heraldo* a este meu desabafo. Crea-me sempre sua admiradora. Loulé, 27-11-907.

Margarida...

Leram?  
Sentiram, decerto, como nós, intima magua, vendo uma mulher nova, linda e solteira, romper desdenhosa contra a Mocidade, que é o riso, a alegria, a esperança, nesta boceta de Pandora que é a Vida. Lamentamol-a! O coração d'uma mulher nova deve sempre desabrochar em flores de ternura para com os Novos e não liquescer em odios aos mesmos. Que o futuro converta os odios de D. Margarida em ternuras é o nosso ardent desejo. Odiar, é peccar. E insistir no peccado, é triste, sobretudo quando se é nova, bonita e gentil como v. ex.ª.

Como é despidosa! A Mocidade a requesta—a sabemos quantos, quantos a adoram!—e D. Margarida a esmagal-a com o seu desprezo! Coração de mulher—eterno logogripho!

Aquella primorosa cantina—lembram-se?—que se ostentava na sala de venda de bilhetes e passagem da estação do caminho de ferro d'esta cidade mudou-se... para a *gare*. Em qualquer parte aquelle beijinho artistico causa o pasmo das gentes, mas no seu novo paradeiro, ao menos, é menos prejudicial. E tem mais desafogo...

—Mais um caminheiro na pedregosa rampa do jornalismo algarvio. Deus os seus primeiros passos no domingo ultimo. Na pia baptismal recebeu o nome de *Destino* e é orgão dos escolares farenses. Pequenino, nitidamente impresso, é um feixe de versos e prosas—primeiros ensaios de corações juvenis, cheios de fé, de boa vontade. Seja bemvindo o novel paladino. Futuro largo, ridente, sem desalentos!

Escolas nermæes

A recente medida governativa que inhibiu os candidatos á matricula do 1.º anno das Escolas districtaes de ensino normal, deixa inesperadamente fóra do rumo que projectavam seguir grande numero de rapazes aspirantes á futura nomeação de professores officiaes.

N'esta lucta de concorrência ás melhores posições em que se ganha a vida, uma outra via se abre contudo aos individuos assim obrigados a marcar passo ou a desistirem da carreira que tinham escolhido.

E' a carreira de *telegraphista*, que pelo alargamento crescente dos serviços do Estado cada vez se offerce de mais largo futuro e que para os que se preparavam a estudar nas Escolas districtaes é perfeitamente accessivel, fazendo o *curso* especial que para ella habilita n'um tempo curto.

O curso official que habilita homens para nomeações de aspirantes telegraphicos e senhoras para os logares de encarregadas de estações telegrapho-postaes faz se officialmente em dois annos: em Lisboa ha porrem o curso livre de telegraphia do *Lycæu Polytechnico*, localizado n'um logar central, á calçada do Combro, e dirigido pelo illustre professor e funcionario da Administração de Telegraphos, sr. Adelino Carreira, que realisa n'um só anno essa habilitação. Não valerá a pena aquelles que a providencia do governo prejudicou, pensar na vantagem de aproveitar este caminho, de adquirir um emprego vantajoso?

O *Lycæu Polytechnico* recebe alumnos d'ambos os sexos, porque para isso dispõe de alojamentos absolutamente independentes.

No anno de lectivo findo os seus alumnos obtiveram 213 approvações, 39 das quaes com distincção e sem uma unica reprovação.

Pelas razões expostas e porque os preços de internato n'aquelle collegio são modicos, julgamos prestar um bom serviço aos nossos leitores, recommendando-lhes este antigo e conceituado collegio.

TYPOGRAPHO

Precisa-se um, habilitado para obras ou jornaes na typographia *Burocatica*. Carta a José Maria dos Santos.—Tavira.

CARTA DE LISBOA

ARISTOCRACIA E BOHEMIA

UMA CEIA ELEGANTE—Á MEMORIA DA SEVERA—FADOS PORTUGUEZES—FIDALGOS, BOHEMIOS, ARTISTAS E LITTE-RATOS

Com o fim de celebrar a aquisição da guitarra com que o conde de Vimioso presenteou a Severa, cujo nome ainda hoje faz vibrar a alma popular, e para passar algumas horas em companhia de amigos que muito o estimam, promoveu o sr. D. Caetano de Bragança, nas salas do Casino de Paris, á Avenida da Liberdade, uma festa que correu com o maior brilho e sã alegria.

D. Caetano de Bragança, que é um legitimo fidalgo, uma individualidade em destaque no nosso meio, dotado de sentimentos generosos, congraçou em volta de si grande numero de convivas, entre os quaes havia representantes da aristocracia, da litteratura, do journalismo, das artes e do mundanis mo elegante, que em grande alegria passaram toda a noite de quinta feira. A' uma hora da noite principiou a ceia, que correu brilhante de animação, tocando o quintetto do casino, fazendo-se depois ouvir os melhores guitarristas de Lisboa e os melhores cantadores de fados portuguezes.

A festa decorreu sempre na melhor ordem e no meio do maior enthusiasmo, sendo muito saudado D. Caetano de Bragança.

A cupula da sala do *restaurant* Casino de Paris fóra transformada em verdejante parreira e latada e em todas as columnas havia tropeos, compostos de capas e espadas, nas suas variegadas e garridas côres, de *costumes* de toureiros, scintillantes nas suas lanjeoulas e bordados a ouro e prata, de cabeçadas, estribos e chocalhos e de onde surgiam cabeças embalsamadas de cavallos e touros.

Ao fundo e em plano mais elevado surgia, em tamanho natural, a reconstrução da casa da Severa, a loja n.º 2 da tradicional rua do Capellão, sem esquecer a meia porta pintada de verde e a cortina de ramagens.

Ao abrir-se o *champagne*, encetou a serie de brindes o marquez da Foz, seguindo-se-lhe o sr. visconde de Tojal e Antonio Batalha Reis, enaltocendo as raras qualidades de caracter do promotor do banquete. A todos respondeu D. Caetano de Bragança, fazendo com eloquencia a apologia do fado, essa musica tão genuinamente portugueza, cujo som dolente e caricioso embalava até os marinheiros, que, tripulando os galeões lusitanos iam levar o nome portuguez aos confins do mundo.

Não se descreve o enthusiasmo delirio que provocou este brinde, estrugindo de todos os lados da sala aclamações.

D. Caetano de Bragança terminou o seu brinde exclamando:—*Eil-a! A guitarra da Severa!* E, n'esse mesmo instante, á porta da casa da Severa, surgiu Julia de Oliveira, florista muito conhecida da Lisboa que se diverte, empunhando a celebre guitarra e entoando o genuino fado portuguez. *O fado da Mouraria*. Julia de Oliveira, que tem bella voz e dá todo o requiebro languido e arrastado á melancolica canção portugueza, causou enthusiasmo.

Emfim, uma completa reconstrução historica.

Tambem estavam presentes os antigos bandarilheiros Manuel Botas e Sancho, o primeiro dos quaes ainda bateu o fado com a Severa. A florista Julia de Oliveira, no seu papel da legendaria bohemia de outros tempos, cantou o seguinte fado de Bulhão Pato:

MOTE

Um portuguez para amar,  
Guitara, para o dizer:  
E o fado, para o sonhar,  
Quando canta uma mulher.

I

Nem n'uma canção franceza,  
Nem na voz da Andaluzia,  
Nunca vibrou a poesia,  
Da guitarra portugueza,  
Quem a inventou com certeza,

Teve o dom de adivinhar  
Uma garganta sem par,  
Que n'esta terra deu brado;  
—Uma Severa para o fado,  
Um portuguez para amar.

II

Guitarra que foste um dia  
Do conde de Vimioso  
—O fidalgo mais donoso  
Que em toda esta terra havia—  
Dá me aquella melodia  
De que elle tinha o poder,  
Encanto de enlouquecer,  
Segredo que elle guardava  
Quando as cordas te vibrava  
Guitarra!—para o dizer.

III

O dia tem o seu lume,  
As estrellas teem fulgores,  
O campo as flores, e as flores,  
Essas teem o perfume.  
Mas o que diz o queixume  
D'uma guitarra ao luar,  
E' mais profunda que o mar,  
Pois Deus, na sua bondade,  
Para a dôr, fez a saudade,  
E o fado—para sonhar.

IV

Quando a guitarra murmura,  
Tangida por dedos ageis,  
Sias notas tornam frageis  
Corações de pedra dura,  
Vem ás ondas a ternura  
Os olhos humedecer...  
Deixae o pranto correr,  
O' almas encarceradas,  
Que sereis interpretadas  
Quando canta uma mulher.

Dá se ás torradas manteiga,  
Dá se alfaca ao peixe frito,  
E aos olhos um certo goito,  
Que até o José do Egypto (bis)  
Sentiria arder-lhe o peito.

Foi, emfim, uma festa encantadora. O *fado*, a memoria da Severa, toda a antiga bohemia, tiveram alli, n'aquella noite, a mais ruidosa consagração.

Quando terminou a festa, era dia claro.

A Cultura Cerealifera

Incontestavelmente nos ultimos dez annos a agricultura portugueza tem progredido consideravelmente. E' principalmente a cultura cerealifera que mais se tem desenvolvido e aperfeçoado.

Este progresso na agricultura e o aumento notavel nas produções são devidos não só ao melhoramento das condições economicas, mas principalmente ao aperfeçoamento dos processos culturaes, sendo uma grande parte devida ao desenvolvimento consideravel que tem tido o emprego dos adubos chimicos.

Devemo-nos sempre lembrar que, como os animaes, as plantas teem necessidade de alimentos; como elles, as plantas prosperam, desenvolvem-se, conforme os alimentos que lhes fornece a terra, quer por lhe juntarmos adubos, quer pela riqueza natural da terra.

Não é portanto natural que esperemos obter uma colheita abundante d'um prado ou d'um campo de trigo que não tenha adubação, nem devemos pensar que podemos engordar um boi ou que podemos fazer trabalhar um cavallo, se não os alimentarmos convenientemente.

A fertilidade da terra não tem uma duração indefinida, vae diminuindo com cada nova colheita que produzir, se não lhe dermos novamente os alimentos que as plantas tiraram.

D'aqui se conclue que devemos juntar á terra as substancias que exigem as plantas e que lhe são necessarias para a sua vida e para se poderem tornar desenvolvidas e vigorosas.

Essas substancias são fornecidas pelos adubos.

De todos os cereaes o mais exigente é o trigo e successivamente a cevada, o centeio e a aveia.

As exigencias do trigo são principalmente em azote, acido phosphorico e potassa.

E' portanto exidente que se quizermos obter boas cearas, grandes espigas de grão bem desenvolvido, devemos contribuir para isso, dando alimentos ás plantas, empregando os adubos.

N'esta epocha, por todo o paiz estão já feitas as lavouras para os ce-

reães, que na maior parte já estão semeados.

Muitos lavradores adubaram previamente os campos que iam semear, outros desleixaram-se, ainda não acreditam na efficacia dos adubos chimicos, não se querem convencer de medo algum que, com um pequeno augmento de despeza, podem ter produções muito maiores do que até ahí, que não só lhe pagam o adubo, como lhe augmentam as suas colheitas e os seus lucros.

Todos os lavradores de regiões em que se semeia tarde, se ainda não lançaram a semente á terra, devem ainda adubar as suas terras com adubações apropriadas aos cereaes e ás terras.

Todos os outros lavradores que já adubaram e semearam, ou simplesmente aquelles que semearam sem adubo algum, podem, com grande vantagem, empregar o Nitrato de Sodio em cobertura, que lhes vae fornecer o azote que necessitam os cereaes em grande escala.

Para qualquer informação sobre o modo de applicação, preços ou consultas sobre adubos, dirigir-se a O. Herold & C., 14, Rua da Prata—Lisboa, que, da melhor boa vontade, as dão gratuitamente, etc., etc. sendo as doses variaveis para cada cultura.

As cearas mal nascidas, amarelladas, desiguaes, rareadas e enfraquecidas, são altamente beneficiadas com a applicação do Nitrato de Sodio em cobertura; as cearas tornam-se mais verdes, afillam e avigoram, desenvolvem-se e dão muito mais espigas, augmentando portanto as produções

LIVROS

“JOÃO FRANCO”

DE

JOÃO CHAGAS

Só hoje completámos a leitura do recente livro do sr. João Chagas, livro palpitante de actualidade e de raro interesse por ser, por assim dizer, o espelho, onde se reflecte a politica embrulhada e iconoclasta do grande homem de estado e caracter que se chama João Franco. O brihante chronista que tão notavelmente se tem accentuado em suas criticas breves, incisivas, na apparencia gracejando quasi sempre, acabava de dar-nos com o ultimo livro, intitulado «João Franco», a prova decisiva do seu merecimento, se ainda precisassemos della para lhe reconhecer as suas qualidades de escriptor e dos que melhor cultivam e manejam a nossa lingua.

Singelo, na pujança do talento, vai commentando imparcial e magistralmente a miseria mesquinha das nossas ideias, instituições e dos homens mais em fôco. Nos seus gracejos sente-se a ferroada que fere e o ridiculo sai-lhe da penna numa sobriedade de lingua-gem que nos espanta.

Assim, á primeira vista, aquelle titulo «João Franco» parece deixar-nos antever alguma coisa de lugubre e desolador. Que poder dizer um livro que se intitule «João Franco» e seja escripto por um republicano João Chagas? Não se sabe. E o nosso primeiro pensamento é o de encontrar-mos alli o azorrague com que sem dó se fustigue a mentira, a ambição, a loucura de quem se diz fadado, que sei eu, talvez, para construir algum tumulo gigantesco onde os seus correligionarios se mostrem nos atlas, como mumias, ás gerações posteriores.

Mas, não! Naquelle feixe de cartas, escriptas sem pretensão a varias notabilidades, ha no fundo dellas todas um quid palpitante que nos prende e ás vezes como que nos profetisa acontecimentos futuros. É a Verdade.

O sr. João Chagas tem sido um lutador dos que se não curvam ante os perigos, quantas vezes ficticios, das autoridades despoticas e mandatarias.

Educado numa geração demolidora sentiu-se arrastado para a luta e nella tem vivido uma vida activa, sem as bajulações que elevam e as veneras que honram.

Posto isto era natural que o novo livro, nos transes angustiados da actual situação politica, despertasse a attenção do limitado publico que entre nós ainda lê e exige alguma coisa de proveitoso dos seus escriptores. E o «João Franco» pela correcção da sua lingua-gem, pela maneira ligeira mas verídica como se refere aos factos ler-se-ha sem o fastio enfadonho de tantos outros que por ai circulam.

Faro, 26 11-1907.

Jayme Cunha.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:  
Hoje, 1 — D. Isabel Medeiros Domingues, D. Paulina Bivar Brandeiro, a menina Judith Ayalla.  
Segunda, 2 — Francisco André do Rosario, Joaquim de Mendonça e Mello Trindade.  
Terça, 3 — Antonio Eduardo Macedo Ortigão.  
Quarta, 4 — D. Margarida de Mello Neves, D. Flavia Dulce Carneiro de Neiva, Justino Augusto Ferreira, Candido Xavier Bastos.  
Quinta, 5 — Arthur Judica Carneiro.  
Sexta, 6 — D. Elisa Lobo de Abreu, João da Costa Simplicio, José Pedro de Lima, Antonio dos Santos Fonseca.  
Sabbado, 7 — D. Theodolina Figueiredo, Domingos Guimarães.

Acompanhado de sua esposa, que ali vae consultar medicos especialistas, partiu na quarta-feira para Lisboa o sr. José Manoel Centeno, d'esta cidade.

Estiveram no domingo em Tavira os srs. Joaquim Pires de Sousa Gomes, José de Mello Pereira de Vasconcellos e Sarmiento Osorio, importantes accionista da armação de atum «Barril» ou «Tres Irmãos».

Chegou d'Africa o sr. Augusto Filippe dos Santos.

Chegou a Tavira no domingo e retirou segunda-feira para a capital o sr. Rozendo Peres Ramos, 1. official da repartição de agricultura no ministerio das obras publicas.

Acompanhado de sua filha D. Ilda seguiu para Lisboa na segunda-feira o sr. coronel Vasco Pereira de Campos.

Já restabelecido da enfermidade que durante um mez o reteve em casa retirou na segunda-feira para a capital o sr. Jayme Cansado.

Regressou de Lisboa o sr. dr. Joaquim Peres.

LOTERIA

Declaro ter em meu poder o meio bilhete do n.º 780 da loteria portugueza cuja extracção deve realizar-se em 21 de dezembro do corrente anno e pertencente aos srs. Henrique J. Monteiro, D. Albertina Monteiro, D. Ataliba Teixeira Netto e Sezinando Celestino Baptista e mais cinco cautellas do preço de mil réis cada uma, da mesma loteria, com os n.ºs 504, 670, 6615, 6539 e 6559 pertencentes aos mesmos srs. e mais ao tenente sr. Marianno José Cabrita, todos residentes em Maquella do Zambo (Africa Occidental).

Está tambem em meu poder um vigessimo da mesma loteria com o n.º 1196 pertencente ao tenente sr. Mariano José Cabrita, residente no sitio acima indicado.

Tavira, 27 de novembro de 1907.

José Maria dos Santos.

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Allarropa.....	900	60	kilos
Arroz.....	17800	15	»
Figo.....	17200	30	»
Batata.....	600	15	»
Centeio.....	650	14	litros
Cevada.....	480	»	»
Chicharos.....	700	18	»
Favas.....	700	»	»
Feijão branco.....	17400	»	»
raiado.....	17600	»	»
Grão.....	17300	»	»
Milho de regadio.....	700	»	»
Milho de sequeiro.....	680	»	»
Trigo broeiro.....	720	14	»
Trigo rijo.....	760	»	»
Sal.....	40	»	»
Azeite.....	17600	10	litros
Aguardente.....	17800	»	»
Vinagre.....	300	»	»
Vinho.....	700	»	»
Laranjas.....	200	»	Cento

ESCOLAS PRIMARIAS

Acha-se á venda n'esta cidade o resumo da *Historia de Portugal* para o ensino do segundo grão nas escolas primarias, de que é autor o illustre professor do lyceu d'Aveiro sr. dr. Elias Fernandes Pereira.

É um livro organizado de harmonia com os programmaes officiaes, de uma exposição clara e lingua-gem accessivel a todos, merecendo por isso a preferencia em grande numero das escolas do paiz.

A venda em todas as cidades e villas do Algarva.

Em Tavira é depositario, José Maria dos Santos.

“Minha filha, Maria Nunes Martins, que tem actualmente 11 annos, era bastante fraça e rachitica, mas, por conselho d'um facultativo, tomou alguns frascos da

Emulsão de SCOTT



que lhe fizeram muito bem, sendo agora muito robusta e com muito boa cor.”

(a) João Lopes Martins.  
Rua da Sé, 144 Silvas, 26 do Janeiro de 1907.

Não ha outro remedio que possa curar tão rapidamente e com tanta certeza a rachitica como o preparado de SCOTT. Os saes mineraes digeriveis dão aos ossos um alimento que não se encontra em nenhum outro remedio, tornando-os direitos, fortes e rijos. O oleo digerivel d'este preparado cobre o corpo deinhado com uma carne firme e sádia. Sabem-no os medicos, e é por isto que receitam constantemente a Emulsão de SCOTT no tratamento da rachitica.

superior

a todas as outras emulsões na sua virtude curativa. Compreae estas e esperdicareis o vosso dinheiro. Compreae a de SCOTT e adquirireis uma cura.

NOTA: Apezar do Imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande. AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mousinho da Silveira, 85, 1º, Porto.

Exigir sempre a Emulsão com esta marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT!

LEGISLAÇÃO

N'um pequeno livro de formato portatil acaba a conhecida Bibliotheca Popular de Legislação de publicar os seguintes decretos: Despejo de predios rusticos e urbanos (dec. de 30 8 1907); Contribuições em divida (dec. de 30 8 1907); Caixa de aposentações para as classes operarias e trabalhadoras (dec. de 29-8 1907); Administração de Fazen-da da Casa Real (dec. de 30-8-1907).

O preço do livro é de 200 réis e pode ser requisitado a sede da Bibliotheca, rua de S. Mamede, 111 (ao largo do Caldas), Lisboa.

SOMATOSE

NA CONVALESCENÇA

COLLECÇÃO DE LEIS

Sob o titulo—*Collecção de Leis*, de pequeno tomo publicadas em 1904 sobre diversos assumptos, e legislação judicial dispersa, promulgada de 1 de abril 1895 a 31 de dezembro de 1906, editou a «Bibliotheca Popular de Legislação» com sede em Lisboa, rua de S. Mamede, 111, (ao largo do Caldas) mais um dos seus numerosos livros, no qual se inclue tambem a tabella dos emolumentos dos secretarios dos tribunaes do commercio, de 29 de agosto de 1889.

Acaba de publicar-se:

DESENHOS E ANECDOTAS

DE

JOÃO DE DEUS

POR

M. TEIXEIRA GOMES

O producto da venda d'este folheto reverte em favor do cofre das Escolas Moveis. Preço: 150 réis.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

IGNEZ D'HORTA

Obra inédita em verso, prefaciada pelo visconde de Sanches de Fria

Livraria Viuva Tavares Cardoso, Largo de Camões, 6—Lisboa.

HORTA

Arrenda-se a do Tiro, proxima do banho da Atalaya. Trata-se com José Rodrigues Pinheiro Centeno, Tavira. 173

VENDE-SE

Um bom predio com quintal e varanda, na rua de S. Thiago. Quem pretender dirija ao seu proprietario João Antonio da Cruz, carpinteiro. 174

VENDE-SE

Uma morada de casas altas, com diversos compartimentos, quintal, poço e varanda, situada na rua do Mau Foro, d'esta cidade.

Quem pretender, dirija-se ao procurador Parreira Faria. 172

ARRENDAR-SE

Uma propriedade no sitio do Al-margem, pertencente a Francisco Simões Vivalde. Trata-se com José Pedro Fernandes em Tavira. 166

Curso elementar de telegraphia

EM

FARO

Abriu-se no dia 15 do corrente, dirigido por um grupo de professores competentes theorica e praticamente. Os diplomados com aquelle curso podem ser nomeados: aspirantes, encarregados de estação ou ajudantes. Os encarregados de estação e ajudantes podem ser do sexo feminino. As nomeações são feitas pelo Governo á medida das vagas que occorrem no paiz como succede com qualquer outro emprego publico.

Os professores primarios tem grande vantagem e facilidade em adquirir aquelle curso, para o que lhes basta a habilitação pratica. Habilita-se em 1 ou 2 annos conforme a aptidão dos alumnos.

PREÇOS MODICOS

Quem pretender frequentar dirija-se a Antonio Mendes Madeira, professor da Escola de habilitação para o magisterio primario em Faro, que prestará todos os esclarecimentos. 175

COROAS

Coroas funebres em todos os tamanhos desde 1500 até 15000 réis.

JOSÉ MARIA DOS SANTOS TAVIRA

ANTONIO CERQUEIRA

E

JOSÉ TEIXEIRA D'AZEVEDO

ADVOGADOS

Rua do Ouro, 149, 2.

LISBOA

2.º ANNUNCIO

FAZ-SE saber que no dia 15 do proximo mez de dezembro, pelas 11 horas da manhã, á porta dos Paços do Concelho, na Praça da Constituição, d'esta cidade, se ha de vender e arrematar a quem maior lance offerecer acima do preço da avaliação, os seguintes bens:

1.º—Uma courella de terra matosa no sitio do Julião, freguezia de Santa Catharina, d'esta comarca, a confrontar do nascente com herdeiros de Manuel Francisco, norte com João Martins Rosa, poente com The-reza de Jesus e sul com o dito João Martins Rosa, avaliada em 15000 réis.

2.º—Uma courella de fazenda no sitio do Julião, freguezia de Santa Catharina, d'esta comarca, que consta de terra de semear, figueiras, al-farrobeiras e casas de moradia, a confrontar do nascente com Manuel Joaquim Martins e outros, norte com João Martins Rosa e outros, poente com Francisco Gonçalves, e sul com o referido João Martins Rosa, avaliada em 140000 réis.

Estes predios foram penhorados na execução que move José Rodrigues Pinheiro Centeno, casado, commerciante, residente n'esta cidade, contra Manoel João dos Santos Camisa do sitio do Marco, freguezia de Santa Catharina e Jeronymo João Camisa e mulher Gertrudes Rosa, do mesmo sitio e freguezia, pela quantia de 197\$115 réis, juros legaes até completo embolso, custas e sellos.

Pelo presente são citados quaes-quer credores incertos.

Declara-se que a contribuição de registo fica metade a cargo do arrematante.

Tavira, 16 de novembro de 1907.

Verifiquei—J. Sereno.  
O escrivão do 2.º officio,  
171 Arthur Neves Raphael.

EDITAL

A Camara Municipal de Tavira

FAZ PUBLICO:

QUE pelo espaço de 8 dias na secretaria da camara, em todos os dias uteis do referido prazo, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde, se acha patente o orçamento geral da receita e despeza d'este municipio para a anno civil de 1908.

E para os effeitos legaes se faz publico o presente edital e outros do mesmo theor, que serão affixados nos logares do costume.

Secretaria da camara 21 de novembro de 1907.

O Presidente,  
169 João Possidonio Guerreiro.

EDITAL

João Possidonio Guerreiro, Com-mendador da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição e Presidente da Camara Municipal de Tavira.

FAZ PUBLICO:

QUE até ás doze horas da manhã do dia 28 do corrente mez de novembro, em todos os dias uteis, das dez horas da manhã ás tres da tarde, se recebem na secretaria d'esta camara propostas em carta fechada para a arrematação dos seguintes impostos municipaes a cobrar durante o proximo anno civil de 1908.

Taxas do 1.º ramo  
Base para as pro-  
postas . . . . . 1:140000

E para constar se passou o presente e outros de equal theor que vão ser affixados nos logares do costume.

Secretaria da Camara Municipal de Tavira, 21 de novembro de 1907.

O Presidente,  
170 João Possidonio Guerreiro.

